

OS CITAS E A CÍTIA EM *GEÓRGICAS* 3.349-383 E EM *TRISTIA* 3.10: PERMANÊNCIA DE PARÂMETROS E INTERTEXTUALIDADE

Matheus Trevizam

Professor de Língua e Literatura latina da
Faculdade de Letras da UFMG - Brasil
matheustrevizam2000@yahoo.com.br

Júlia Batista Castilho de Avellar

Doutoranda em Literaturas Clássicas e Medievais na
Faculdade de Letras da UFMG/Bolsista CAPES - Brasil
juliabcavellar@gmail.com

RESUMO

Seguindo uma abordagem intertextual, este artigo investiga a presença da etnografia antiga em dois textos poéticos latinos: a digressão sobre os citas, nas *Geórgicas*, de Virgílio (3.349-383), e a elegia 3.10 dos *Tristia*, de Ovídio. Analisamos, nesses textos, as descrições de ambientes extremos de clima frio e as relações entre tais lugares e os povos que os habitam, considerados bárbaros pelos romanos. Ademais, explicamos como a imagem do estrangeiro é construída em oposição aos romanos e a Roma, tanto por Virgílio, em seu louvor dos campos italianos, como por Ovídio, em sua representação negativa das terras do exílio.

Palavras-chave: Virgílio; *Geórgicas*; Ovídio; *Tristia*; etnografia antiga.

ABSTRACT

Taking into consideration an intertextual approach, this paper looks into the presence of ancient ethnography in two Latin poems: the digression about the Scythians, in Virgil's *Georgics* 3.349-383, and the elegy 3.10 of Ovid's *Tristia*. We analyze, in the above-mentioned texts, the descriptions of extreme environments characterized by a cold climate and the relation between these places and its inhabitants considered barbarian by the Romans. Besides, we explain how the image of foreign people is constructed in opposition to the Romans and to Rome, on the one hand by Virgil, in his praise of the Italian fields, on the other by Ovid, in his negative depiction of the lands of exile, situated on the borders of the Empire.

Keywords: Virgil; *Georgics*; Ovid; *Tristia*; ancient ethnography.

Na história das Letras greco-romanas, comentários etnográficos podem ser observados em obras dos mais variados gêneros literários. Ao menos desde as *Histórias* do grego Heródoto de Halicarnasso (séc. V a.C.),¹ encontramos informações bastante detalhadas a esse respeito, como os costumes e a localização geográfica de egípcios e citas, os últimos enfocados mais detalhadamente no quarto livro das *Histórias* (PRIETO, 2001, p. 211). Também merecem destaque, em ambiente de língua grega, os dados sobre etnografia coligidos no tratado *Ares, águas e lugares* (περὶ ἀέρων ὑδάτων τόπων/ *De aere aquis et locis*), da segunda metade do século V a.C., o qual se insere, com várias outras obras, na tradição dos textos médicos hipocráticos. No tratado, o autor (Hipócrates?)² estabelece relações entre as moléstias que podem afetar os indivíduos e os “tipos constitucionais” a que pertencem (REBOLLO, 2006, p. 58). Tais tipos são determinados por critérios de aspecto sexual (masculino ou feminino), étnico e temperamental (como o dos fleumáticos, o dos melancólicos, o dos sanguíneos e o dos coléricos, sobretudo). Quanto ao aspecto étnico, o autor do tratado ressalta que os europeus e os habitantes da Ásia diferem quanto às características físicas e psíquicas: os primeiros, do ponto de vista somático, seriam menos esplendorosos que os segundos; do ponto de vista moral, entretanto, seriam mais viris e resistentes, pois um clima tão constante e ameno quanto o asiático acaba por “amolecer” os espíritos humanos (BORCA, 2003, p. 51).

Em Roma, entre as produções de caráter etnográfico, destacam-se os *Comentários sobre a guerra da Gália*, de Caio Júlio César (meados do séc. I a.C.), a *Germânia*, de Públio Cornélio Tácito (fins do séc. I d.C.) e alguns trechos da *História natural*, de Plínio, o Velho (publicado entre 77 e 79 d.C.). A primeira obra, que se inicia com considerações de ordem geográfica, a respeito da localização e hidrografia das Gálias (cap. 1), apresenta, no princípio do sexto livro, uma descrição bem detalhada sobre os costumes de gauleses e germanos (ANDRÉ; HUS, 1974, p. 25). Também a *Germânia*, de Tácito, pode ser considerada decididamente etnográfica (GELORMINI, 2007, p. 13). Igualmente, a *História natural* pliniana apresenta diversos elementos que, desde os gregos, já caracterizavam os escritos etnográficos antigos:³

¹ Murphy (2009, p. 77), no entanto, em livro centrado na *História natural* de Plínio, o Velho, recua ainda mais o alcance da etnografia antiga: “The ethnographies in Pliny’s *Natural History* belong to a literary tradition stretching back to Homer that can be found in one form or another in texts of almost every classical literary genre”. – “As etnografias da *História natural* de Plínio pertencem a uma tradição literária que remonta a Homero, a qual pode ser encontrada em uma ou outra forma em textos de quase todos os gêneros literários clássicos” (trad. J. Avellar).

² REBOLLO, 2006, p. 49: “A ‘questão hipocrática’, ou seja, a discussão de quais tratados teriam, de fato, sido escritos por Hipócrates, não está resolvida”.

³ MURPHY, 2004, p. 81: “Not every ancient ethnography has all these features; many of those in the *Natural History* are nearly as elliptical as Homer’s descriptions of the Abioi, which I discuss below” – “Nem toda etnografia antiga tem todos esses traços; vários deles na *História natural* são quase tão elípticos quanto as descrições homéricas dos álbios, que discuto abaixo”. (trad. J. Avellar).

Again and again we find descriptions of the same cultural and geographical features: the land and climate of the nation are described, along with that land's agricultural and mineral products; the origin of the people; their appearance and their social institutions, including housing, marriage, religion, education and war. (MURPHY, 2004, p. 80).⁴

Os exemplos de textos literários gregos ou romanos acima citados, que incluem obras dos mais variados gêneros, evidenciam como os antigos manifestaram, em seus escritos, grande interesse em descrever costumes e características de povos estrangeiros, de preferência os mais distantes de sua cultura. Diante disso, a fim de compreender melhor a escrita de teor etnográfico dos antigos, enfocaremos, segundo uma abordagem intertextual, dois trechos de obras da poesia latina que incorporam elementos de etnografia: a digressão nas *Geórgicas* 3.349-383, sobre os povos (da Líbia e) da Cítia, e a elegia 3.10 dos *Tristia*, de Ovídio, a respeito do inverno na região de Tomos, cidade às margens do Mar Negro. Nos dois casos, Virgílio e Ovídio descrevem regiões de clima extremo e povos situados nos confins do mundo, remetendo-nos aos citas e à Cítia, lendária região fria do norte da Eurásia.

A FOCALIZAÇÃO INVERTIDA DOS CITAS, E DE SEU TERRITÓRIO, NO TERCEIRO LIVRO DAS *GEÓRGICAS*

A digressão de Virgílio sobre os citas, no terceiro livro das *Geórgicas*, põe em evidência a figura do estrangeiro e, com isso, suscita questões sobre o papel por ele desempenhado na obra. Isso é notável especialmente pelo fato de que, embora não haja uma temática única nas *Geórgicas*, o poema se constrói, sobretudo, com base em elementos da ambiência geográfica itálica. Ou seja, as culturas ou criações mencionadas – cereais, vinhas, olivas, pecuária de animais de grande porte, ovinos, caprinos e abelhas – não são exóticas, mas correspondem a opções economicamente viáveis para as várias zonas da Península (ANDREAU, 2010, p. 79-97).

Além disso, do ponto de vista humano, a obra dá ênfase à típica figura romana do *agricola*, apresentado como um honrado *pater familias* dividido entre a lida da terra e a das armas, quando é preciso defender a pátria. De fato, pode-se observar no poema uma espécie de idealização cultural que, na

⁴ “Mais e mais encontramos descrições dos mesmos traços culturais e geográficos: a terra e o clima do país são descritos, juntamente com os produtos agrícolas e minerais daquela terra; a origem do povo; seu surgimento e suas instituições sociais, inclusive habitações, casamento, religião, educação e guerra” (trad. J. Avellar).

literatura latina, já era atestada ao menos desde a *praelocutio* do *Da agricultura* catoniano. Por outro lado, nos versos das *Geórgicas*, são abundantes as referências a povos itálicos distintos⁵ e a muitos de seus costumes e crenças,⁶ sem que, com isso, se aborde exclusivamente a cultura peninsular.⁷

Diante desse panorama, o mundo externo à Itália e os seus habitantes assumem conotações ambíguas no texto: ora o “outro” se afasta do domínio do “mesmo”,⁸ ora se aproxima; ora se apresenta com traços, em princípio, rechaçados por Virgílio,⁹ ora assume características, pelo contrário, positivas,¹⁰ como aqui veremos sobre os citas. Assim, neste “polifônico” poema, segundo o considera Gale (2000, p. 70-72), as descrições frequentemente revestem-se de complexidades e nem sempre seguem uma lógica inteiramente coerente consigo mesma.

⁵ VIRGÍLIO, *Geórgicas* 2.167-170: *Haec genus acre uirum, Marsos pubemque Sabellam / assuetumque malo Ligurem Volcosque uerutos / extulit; haec Decios, Marios magnosque Camillos, / Scipiadas duros bello et te, maxime Caesar (...)* – “Ela [a Itália] um tipo áspero de homens, os marsos, a juventude sabélica, / o lígure habituado a sofrer e os volcos dardejantes / produziu; ela os Décios, os Mários e os grandes Camilos, / os Cipiões duros na guerra e a ti especialmente, ó César (...)” (trad. M. Trevizam).

⁶ VIRGÍLIO, *Geórgicas* 2.493-494: *Fortunatus et ille deos qui nouit agrestis, / Panaque Siluanumque senem Nymphasque sorores!* – “Afortunado também aquele que os deuses rústicos conhece, / Pã, o velho Silvano e as ninfas irmãs!” (trad. M. Trevizam). Aqui o poeta também invoca Silvano, um deus itálico (SCHEID, 2010, p. 128-131), como objeto da “ditosa” religiosidade dos camponeses das *Geórgicas*.

⁷ Veja-se, por exemplo, que em *Geórgicas* 2.380-384, antes de referir as festividades realizadas na Itália – pelos *Ausonii* (“ausônios”), v. 385 – em honra de Baco, Virgílio explica o motivo de os “descendentes de Teseu”/atenienses – *Thesiadae*, v. 383 – sacrificarem bodes à mesma divindade, além de terem instituído representações teatrais e jogos em homenagem a ele.

⁸ Sobre o afastamento entre a Península e certas zonas do estrangeiro, vejam-se comentários que fizemos (TREVIZAM, 2009) a respeito do caráter “monstruoso” das plantas nos países dos etíopes, chineses e hindus (VIRGÍLIO, *Geórgicas* 2.120-124). Na verdade, ora se encontram, ali, espécies vegetais estranhamente híbridas – como arbustos produtores de “lã branca”/algodoeiros (*canentia lana*, v. 120) e de “velos sutis”/seda (*uelleria... tenuia*, v. 121) –, ora árvores descomunalmente altas, invencíveis, inclusive, para todas as setas que se atiram acima de suas copas.

⁹ VIRGIL (1997, p. 185): “But V.’s mode of presenting this information, within the constant equation of bee and man, is hardly encouraging: the bee gives even greater reverence to its king than do the peoples of the east to their monarchs. Foremost of the eastern exempla is Egypt, and the words *regem non sic Aegyptus... obseruant* may refer to the *Aegyptia coniunx* (A. 8.688) of Antony, defeated by Octavian two years before the publication of the poem”. – “Mas o modo virgiliano de apresentar essa informação, com a equação constante de abelha e homem, dificilmente encoraja: a abelha dá uma reverência ainda maior a seu rei do que os povos do leste aos seus monarcas. O maior dos exemplos orientais é o Egito, e as palavras *regem non sic Aegyptus... obseruant* podem se referir à *Aegyptia coniunx* (A. 8.688) de Antônio, derrotado por Otaviano dois anos antes da publicação do poema” (trad. J. Avellar).

¹⁰ Essa oscilação de visões sobre o “outro”, por sinal, parece não ser tão rara nos antigos escritos de caráter etnográfico, conforme observa Vasaly (1993, p. 144) ao pronunciar-se sobre os habitantes da Ásia, tal como descritos pelo autor de *Ares, águas e lugares*.

Antes, porém, de nos determos na digressão etnográfica das *Geórgicas* 3.349-383, convém lembrar que ela não ocorre isoladamente. Entre v. 339-348, Virgílio já havia apresentado a geografia e os habitantes das quentes paragens da Líbia, região caracterizada por “pastagens” (*pascua*, v. 339), por “aldeias habitadas por poucas casas” (*raris habitata mapalia tectis*, v. 340), pela ideia de desolação (*itque pecus longa in deserta* – “segue o rebanho para desertos sem fim”, v. 342) e de amplidão espacial (*tantum campi iacet!* – “tanto campo se estende!”, v. 343). Os líbios, que tentam se adaptar a lugar tão quente, são descritos pelo poeta como um povo itinerante de pastores, que porta consigo, sem cessar, todos os seus pertences:

(...) *Omnia secum
armentarius Afer agit, tectumque laremque
armaque Amyclaeumque canem Cressamque pharetram;
non secus ac patriis acer Romanus in armis
iniusto sub fasce uiam quom carpit et hosti
ante expectatum positus stat in agmine castris.*
(VIRGÍLIO, *Geórgicas* 3.343-348)

(...) Tudo consigo
o pastor africano leva, o teto, o Lar,
as armas, o cão amicleu e a aljava cretense;
sem diferença, o romano duro nas armas pátrias,
quando se põe a caminho sob fardo ingente e, antes
do esperado pelo inimigo, posta-se em fileira, montado o acampamento.
(trad. M. Trevizam).

Os versos acima, curiosamente, aproximam os longínquos pastores líbios do legionário romano em campanha. Com isso, põe-se em destaque a ambiguidade na construção da figura do estrangeiro, marcado por diferenças e várias vezes apresentado como distante e contíguo, como pouco feliz e, ao mesmo tempo, ditoso.

Além disso, a representação etnográfica polarizada (no caso, uma oposição norte-sul) presente nas *Geórgicas* é convenção muito usada pelos escritores antigos para elaborar imagens de lugares e povos. Segundo os comentários de Hartog (2014, p. 55) sobre os padrões de representação do espaço, Heródoto parece ter-se servido de mapas jônicos para estruturar a imagem do mundo presente nas *Histórias*. Ora, tais mapas exploravam o princípio da simetria, de maneira a contrapor, de um e outro lado de uma espécie de “Equador” (o qual passava pelo Mediterrâneo), o frio do norte ao calor do sul. O crítico ainda esclarece:

O ponto simétrico da Cítia, no sul, é a Líbia e, mais precisamente, o Egito. Quando vem o inverno, as gruas, com efeito, deixando a fria Cítia, voam para estas regiões. Mas a simetria age sobretudo no nível destes dois rios espantosos que são o Nilo e o Istro: o Istro é, no norte, o que o Nilo é no sul. (HARTOG, 2014, p. 56).

Quando comparamos, nas *Geórgicas*, a imagem da Cítia (e dos citas) com a da Líbia (e dos líbios, não dos egípcios), percebem-se alguns pontos de inversão, não mera simetria,¹¹ que ultrapassam a simples diferença entre frio e calor. Assim, no espaço físico da Cítia, observa-se o exato rio Istro de que falava Hartog, o qual é “turbulento e revolve amareladas areias” (*turbidus et torquens flauentis Hister harenas*, v. 350). Em contraposição, não se fala de cursos d’água agitando areias nos “desertos” líbios (v. 342). Todavia, pode-se ao menos imaginar que, no espaço quente e seco da Líbia, o “agitar das areias” ficaria a cargo dos ventos e, sobretudo, dos pés (humanos ou animais) das caravanas de pastores movendo-se incessantemente sobre o território: *Saepe diem noctemque et totum ex ordine mensem / pascitur itque pecus* (VIRGÍLIO, *Geórgicas* 3.341, trad. M. Trevizam: “Amiúde de dia, de noite e pelo mês inteiro, sem interrupção, / pasta e segue o rebanho”).

Por outro lado, não só as águas são “omitidas” no ambiente líbio, no cotejo com a Cítia – vejam-se, aqui, as menções à “onda Meótida” (*Maetiotique unda*, v. 349),¹² à “planície rubra do Oceano” (*Oceani rubro... aequore*, v. 359) e ao “rio corrente” (*currenti in flumine*, v. 360) –, mas ainda o espaço de tal região setentrional parece caracterizar-se, em Virgílio, por um espectro topográfico maior. Com efeito, nos comentários sobre a Cítia, foram mencionadas montanhas (*Rhodope* – “Ródope”, v. 351, e *Riphaeo... Euro* – “pelo Euro rifeu”, v. 382)¹³ e “cavernas escavadas” (*defossis specubus*, v. 376). Por sua vez, nas descrições sobre a Líbia, o próprio desembaraço do contínuo movimento de pastores e rebanhos no norte africano (VIRGÍLIO, *Geórgicas* 3.339-348) e a explícita menção a um “campo” extenso (*tantum campi*, v. 343)¹⁴ contribuem para construir-lhe uma imagem de uniformidade topográfica, bem distinta do relevo acidentado da Cítia.

Ademais, no que concerne à relação dos espaços da Líbia e da Cítia com seus respectivos habitantes, um importante fator de construção identitária consiste na mobilidade meridional, contraposta à fixidez setentrional. É notável

¹¹ Entenda-se como um ponto de todo simétrico, na descrição comum dos líbios e citas, o fato, segundo Virgílio, de ambos os povos serem pecuaristas, apesar das diferenças em suas técnicas de manejo dos animais domésticos (*Geórgicas* 3.341-343 e 352).

¹² A região correspondente é a do moderno “mar de Azov”, no sul da Rússia (ver VIRGÍLIO, *Eneida* 6.799).

¹³ “Ródope” era uma cadeia de montanhas situada na Trácia, que se estendia em arco para o norte e, depois, para o sul; “rifeu” refere-se a outra cordilheira da Cítia; veja-se VIRGÍLIO, *Geórgicas* 1.240.

¹⁴ Apesar das diferenças de descrição topográfica que mencionamos, poderia ser considerado um elemento de óbvio paralelismo, quando se comparam a Líbia e a Cítia, no presente contexto de *Geórgicas* 3, o fato de Virgílio também empregar a palavra “campo/planície” – *campo*, v. 353 – para falar do relevo naquela zona setentrional.

que, como se tivessem sido contaminados pela quietude congelante¹⁵ do espaço à sua volta, todos os da Cítia estacam, ou, ao menos, moderam a própria locomoção e esforço – vejam-se as menções aos montes de neve que recobrem o território e impedem a fertilidade da terra,¹⁶ às “crostas repentinas” que se formam sobre o “rio corrente”, oferecendo, portanto, trânsito seguro a veículos de tração,¹⁷ às vestes enrijecidas sobre os corpos (*uestes rigescunt* – “as vestes se enrijecem”, v. 363) por efeito do clima e, igualmente, aos vinhos tornados em sólidos blocos (*caeduntque securibus umida uina* – “cortam com machados úmidos vinhos”, v. 364), aos charcos transformados em “gelo duro” (*solidam in glaciem uertere lacunae* – “em gelo duro se transformaram os charcos”, v. 365), à gota solidificada sobre as barbas em desalinho (*stiriaque impexis induruit horrida barbis* – “e a gota solidificou-se eriçada sobre desgrenhadas barbas”, v. 366) e às geadas que se aglomeram em volta dos bandos de animais domésticos ou selvagens, tolhendo-lhes qualquer movimento.¹⁸ Isso significa que, apesar dos aparentes rigores e da dureza do “contínuo inverno” cita (*semper hiems* – “sempre inverno”, v. 356),¹⁹ as condições climáticas extremas, por si só, acabam contribuindo para desacelerar a vida no local, ou mesmo para facilitá-la em sua contraparte humana.

De fato, além de as manadas dos citas ficarem confinadas (v. 352) e os bois e cervos estacarem por efeito do frio congelante (v. 368-370), observa-se que os próprios seres humanos da Cítia não necessitam se esforçar muito, nem sequer quando desejam caçar:

¹⁵ Coincidentemente, como ressalta Hartog (2014, p. 69), já em Heródoto a descrição do frio cítico assumia conotações de algo extremo.

¹⁶ VIRGÍLIO, *Geórgicas* 3.352-355: *Illic clausa tenent stabulis armenta, neque ullae / aut herbae campo apparent aut arbore frondes: / sed iacet aggeribus niueis informis et alto / terra gelu late, septemque assurgit in ulnas.* – “Ali, mantêm as manadas fechadas em estábulos, nem / erva alguma no campo surge, ou ramagens na árvore: / mas estende-se informe a terra com montes de neve e, vastamente, / com gelo espesso, levanta-se a sete braças” (trad. M. Trevizam).

¹⁷ VIRGÍLIO, *Geórgicas* 3.360-362: *Concrescunt subitae currenti in flumine crustae / undaque iam tergo ferratos sustinet orbis, / puppibus illa prius, patulis nunc hospita plaustris.* – “Crescem crostas repentinas no rio corrente, / e a onda já aguenta no dorso rodas de ferro, / antes para as popas, agora para carros vastos receptiva” (trad. M. Trevizam).

¹⁸ VIRGÍLIO, *Geórgicas* 3.368-370: *Intereunt pecudes; stant circumfusa pruinis / corpora magna boum, confertoque agmine cerui / torpent mole noua et summis uix cornibus exstant (...)* – “Morrem os rebanhos; estacam envolvidos pelas geadas / grandes corpos de bois, se entorpecem os cervos com o renovado acréscimo, / juntados em bando, e mal se projetam as córneas pontas (...)” (trad. M. Trevizam).

¹⁹ Na Itália, contudo, trata-se de supostamente divisarmos, como registra Virgílio em *Geórgicas* 2.149 – *uer adsiduom* –, uma “eterna” primavera.

*Hos non immissis canibus, non cassibus ullis
puniceaeue agitant pavidos formidine pinnae;
sed frustra oppositum trudentis pectore montem
comminus obruncant ferro grauiterturque rudentis
caedunt et magno laeti clamore reportant.*
(VIRGÍLIO, *Geórgicas* 3.371-375)

A esses, não aticando cães – sem rede alguma –
ou, temerosos, com o terror da pluma púrpura acossam;
mas, os que em vão empurram com o peito oposto monte,
de perto eles matam a ferro, abatem os que bramem
forte e, felizes, carregam com grande clamor.
(trad. M. Trevizam).

Ademais, os citas não passam seu tempo no interior de abrigos, em resguardo do frio e da noite, ocupados por algum trabalho, em contraste com o *agricola* romano das *Geórgicas*.²⁰ Aos habitantes itálicos, por sinal, cabia incessantemente trabalhar, como nos indicam várias passagens do poema didático de Virgílio:²¹ trata-se, segundo explica o trecho da “Teodiceia do trabalho” (VIRGÍLIO, *Geórgicas* 1.125-159), de uma imposição de Júpiter, a qual não necessariamente corresponde a algo positivo.²² Assim, os “indolentes” citas, bem mais distantes que os líbios dos ativos soldados²³ (ou agricultores) da Itália, pelo menos foram agraciados com a possibilidade de desfrutar de uma existência sem preocupações, algo, decerto, impossível para os honestos *agricolae* pátrios, frequentemente solicitados pelos *labores* fundiários.²⁴

²⁰ Comparem-se as respectivas passagens correspondentes a VIRGÍLIO, *Geórgicas* 1.291-292 e *Geórgicas* 3.376-377: *Et quidam seros hiberni ad luminis ignis / peruigilat ferroque faces inspicat acuto*. – “E alguém fica em vigília à noite perto de um fogo / de luz invernal, e aguça fachos com ferro agudo”. (trad. M. Trevizam); *Ipsi in defossibus specubus securi sub alta / otia agunt terra (...)* – “Eles mesmos, em antros escavados sob a terra profunda, / passam bons momentos em sossego (...)” (trad. M. Trevizam).

²¹ A título de sumária exemplificação, considere-se VIRGÍLIO, *Geórgicas* 2.397-398: *Est etiam ille labor curandis uitibus alter, / cui numquam exhausti satis est: (...)* – “Há ainda aquele outro esforço de cuidar das vinhas, / que nunca está suficientemente acabado: (...)” (trad. M. Trevizam).

²² GALE, 2000, p. 162: “Virgil ultimately leaves it unclear in this passage whether we are to see *labor* as punishment or virtue, the idleness of the Golden Age as a lost ideal or a danger fortunately escaped, the *curae* with which Jupiter ‘sharpened’ human hearts as gnawing anxieties or as spurs to industriousness and inventiveness”. – “Virgílio, em última análise, não deixa claro nessa passagem se devemos ver o *labor* como um castigo ou uma virtude, a ociosidade da Idade Áurea como um ideal perdido ou um perigo de que felizmente se escapou, as *curae* que Júpiter ‘avivou’ nos corações humanos como ansiedades torturantes ou como estímulos à diligência e à inventividade” (trad. J. Avellar).

²³ Em *Geórgicas* 3.346-348, conforme vimos, Virgílio textualmente aproximara os legionários romanos em campanha, ao carregarem suas pesadas equipagens, dos pastores nômades da Líbia, que também portavam todos os seus pertences consigo em suas andanças infindas por aquela zona desértica.

²⁴ Sobre a importância do conceito de *labor*, fundamental para a caracterização do tipo humano idealizado do soldado-agricultor, veja-se Gale (2000, p. 144-147).

EXÍLIO NA CÍTIA: A CONSTRUÇÃO LITERÁRIA DO INVERNO TOMITANO NOS *TRISTIA*

Nos *Tristia*, primeira coletânea ovidiana de exílio, o eu-poético Nasão frequentemente aproxima o local de degredo – a cidade de Tomos, na margem ocidental do Ponto Euxino – ao território da Cítia, situado bem mais além, no norte da Eurásia. Com efeito, ele até mesmo afirma que a Cítia foi o lugar destinado a seu exílio: *Denique: “Quid propero? Scythia est quo mittimur”, inquam* (OVÍDIO, *Tristia* 1.3.61: “Enfim: ‘Por que me apresso? É para a Cítia que sou enviado’, disse”); *Ergo erat in fati Scythiam quoque uisere nostris* (OVÍDIO, *Tristia* 3.2.1: “Então estava em meu destino ver também a Cítia”); *Nasonisque tui, quod adhuc non exulat unum, / nomen ama; Scythicus cetera Pontus habet* (OVÍDIO, *Tristia* 3.4a.45-46: “E ama o nome de teu Nasão, única parte / ainda não exilada; o resto, detém-no o Mar Cítico”); *Ei mihi! Iamne domus Scythico Nasonis in orbe est?* (OVÍDIO, *Tristia* 3.12.51: “Ai de mim! Acaso agora a casa de Nasão fica no mundo cítico?”); *Quod Scythicis habitent longe summotus in oris* (OVÍDIO, *Tristia* 4.9.17: “Mesmo que eu, movido para longe, habite as praias cíticas”).²⁵

Ora, na tradição literária greco-romana, a Cítia era considerada um extremo geográfico e climático: localizada para além dos limites do Império, no extremo norte ou extremo leste do mundo,²⁶ a região caracterizava-se pelo frio constante, pela neve e gelo, pela esterilidade de suas terras. Já nas *Metamorfoses*, Ovídio havia oferecido uma breve descrição do lugar, ao comentar sobre a morada da Fome.²⁷ Nos *Tristia*, por sua vez, ao identificar o local da relegação com a Cítia, o eu-poético, por meio de um procedimento metonímico, atribui ao lugar de exílio uma série de traços negativos daquele território setentrional mais ou menos contíguo (VIDEAU-DELIBES, 1991, p. 113). Assim, segundo Williams (1994, p. 8), Nasão estende as fronteiras geográficas de Tomos, a fim de incorporar à descrição do local de exílio elementos tradicionais da descrição da Cítia na literatura romana.

²⁵ Traduções de J. Avellar. O texto-base usado para a realização das traduções dos *Tristia* no presente trabalho foi o estabelecido por André, em edição da *Les Belles Lettres* (2008).

²⁶ Segundo Williams (1994, p. 8), enquanto Virgílio, nas *Geórgicas*, considera a Cítia o extremo norte do mundo, Horácio, nas *Odes* (2.11.1-4; 3.8.18-24; 4.5.25-28; 4.14.41-44), localiza a Cítia no extremo leste.

²⁷ OVÍDIO, *Metamorfoses* 8.788-791: *Est locus extremis Scythiae glacialis in oris, / triste solum, sterilis, sine fruge, sine arbore tellus; / Frigus iners illic, habitant Pallorque Tremorque / et ieiuna Fames.* (...) – “Há um lugar glacial nas regiões extremas da Cítia, / um solo triste, terra estéril, sem fruto e sem árvore; / aí habitam o Frio inerte, a Palidez, o Tremor / e a Fome faminta. (...)” (trad. J. Avellar).

De fato, vários estudiosos destacaram a proveniência literária das descrições que o eu-poético empreende da região de exílio nos *Tristia*, a ponto de alguns críticos até mesmo colocarem em xeque a real ocorrência do exílio, perspectiva inaugurada em célebre artigo de Fitton Brown (1985). De qualquer modo, independentemente de o exílio do autor-empírico ter ou não ocorrido, é inquestionável o fato de que as informações presentes nas elegias dos *Tristia* pertencem ao âmbito literário e dizem respeito a uma personagem Nasão (e não ao autor-empírico). Ou seja, no texto poético, há uma personagem (homônima do autor) que se encontra em situação de exílio, independentemente de qual seja a situação histórica do autor-empírico.²⁸

Nessa perspectiva, Holzberg (2006, p. 56) destaca o caráter literário, e não puramente biográfico das descrições que Ovídio faz da região e dos povos que a habitam.²⁹ Videau-Delibes (1991, p. 110) assinala sua relação com a tradição etnográfica presente em Heródoto e em Estrabão e com o relato virgiliano nas *Geórgicas*.³⁰ Claassen (2008, p. 185) acrescenta ainda a existência de relações com descrições do Mundo Inferior na *Eneida* virgiliana e com a morada da Fome nas *Metamorfoses*, de Ovídio.³¹ Williams (1994,

²⁸ Não nos interessa aqui discutir a veracidade ou não do exílio ovidiano, mas sua construção no interior do texto. Assim, pode-se dizer que, nas elegias dos *Tristia*, a personagem-poeta encontra-se exilada (independentemente da situação do autor-empírico) e que o exílio tem, portanto, existência literária (independentemente de sua ocorrência real). Para uma análise detalhada do jogo ficcional presente nos *Tristia* e das diversas facetas da *persona* de exilado do eu-poético Nasão, veja-se Avellar (2015). Usamos aqui o termo *persona* na mesma perspectiva de Clay (1998, p. 17), que distingue o “poeta do texto” (o autor que escreve, externo à obra) e o “poeta no texto” ou *persona* (interior à obra, enquanto voz poética ou personagem). Para uma análise das relações entre a noção atual de *persona* poética e o contexto oratório romano, veja-se Vasconcellos (2014).

²⁹ “Ovid’s descriptions of the region and people are not based on his own experiences there, but drawn from literary sources such as the Scythian passage in Virgil’s *Georgics* (3.349-83)”. – “As descrições de Ovídio sobre a região e o povo não se baseiam em suas próprias experiências lá, mas provêm de fontes literárias como a passagem sobre os citas nas *Geórgicas* de Virgílio (3.349-83)” (trad. J. Avellar).

³⁰ “Le tableau n’est pas sans rapport avec une tradition dont les représentants les plus évidents sont l’historien Hérodote et le géographe Strabon. Les critiques ont souvent souligné aussi des analogies avec l’*excursus* virgilien sur les bergers scythes au troisième livre des *Georgiques*”. – “O quadro não é sem relação com uma tradição cujos representantes mais evidentes são o historiador Heródoto e o geógrafo Estrabão. Os críticos também ressaltaram com frequência as analogias com o excursus virgiliano sobre os pastores citas no terceiro livro das *Geórgicas*” (trad. J. Avellar).

³¹ “A wide range of literary, geographical and anthropological allusions portrays the frozen horrors of the Pontic area, which appears to be based partly on Vergil’s Scythia from *Georgics* 3.349-83, partly on his depiction of the Underworld from *Aeneid* 6, partly on Ovid’s own ‘Home of Famine’ from *Metamorphoses* 8.788-91, and partly on popular Roman preconceptions about distant areas”. – “Um amplo conjunto de alusões literárias, geográficas e antropológicas retrata os horrores congelantes da região do Ponto, que parece basear-se em parte na Cítia virgiliana das *Geórgicas* 3.349-83, em parte na descrição do Mundo Inferior de *Eneida* 6, em parte na própria ‘Casa da Fome’ ovidiana de *Metamorfoses* 8.788-91, e em parte em pré-concepções romanas acerca de regiões distantes” (trad. J. Avellar).

p. 16) esclarece que a construção da paisagem literária do lugar de exílio se fundamenta em um Mundo Inferior alternativo, na negação da Idade Áurea e na recriação das condições extremas da região da Cítia.³²

Na elegia 3.10 dos *Tristia*, mais especificamente, na qual Nasão descreve o rigoroso inverno em Tomos, é possível notar inúmeras aproximações com a tradicional descrição literária da Cítia, ainda que o eu-poético não afirme explicitamente nesta elegia localizar-se lá, como faz em outros trechos. No princípio do poema, Nasão informa sua localização: *subpositum stellis numquam tangentibus aequor* (OVÍDIO, *Tristia* 3.10.3, trad. J. Avellar: “sob estrelas que nunca tocam o mar”), ou seja, sob a constelação da Ursa, marca do hemisfério norte. Ademais, diz estar separado de inimigos bárbaros apenas pelas águas do Istro (OVÍDIO, *Tristia* 3.10.7-8), rio tradicionalmente associado ao extremo norte e à Cítia, conforme já dito na análise do trecho virgiliano.

Nos *Tristia*, os traços mais marcantes na caracterização do local de exílio são o frio excessivo e a permanência do gelo e da neve: *Nix iacet, et iactam ne sol pluuiiaeque resoluant, / indurat Boreas perpetuamque facit* (OVÍDIO, *Tristia* 3.10.13-14, trad. J. Avellar: “A neve se estende e, para que nem sol nem chuva a desfaçam, / Bóreas a endurece, depois de caída, e a torna eterna”). A neve que se estende (*iacet*), tornada eterna (*perpetuam*), ecoa a descrição virgiliana da Cítia, marcada por um “inverno contínuo” (VIRGÍLIO, *Geórgicas* 3.356 – *semper hiems*) e caracterizada como uma terra que também se estende (*iacet*), disforme, sob montes de neve (VIRGÍLIO, *Geórgicas* 3.354). Além disso, o eu-poético retoma em seu relato do inverno em Tomos alguns lugares-comuns já empregados por Virgílio, como o vinho endurecido sem ser contido em nenhuma jarra³³ e o rio congelado sendo atravessado por carruagens:

*Quid loquar ut uincti concrecant frigore riui
deque lacu fragiles effodiantur aquae?
Ipse, papyrifero qui non angustior amne
miscetur uasto multa per ora freto
caeruleos uentis latices durantibus Hister
congelat et tectis in mare serpit aquis;
quaque rates ierant, pedibus nunc itur et undas
frigore concretas ungula pulsat equi;
perque novos pontes subter labentibus undis
ducunt Sarmatici barbara plaustra boues.*
(OVÍDIO, *Tristia* 3.10.25-34)

³² “An alternative underworld, a negation of the Golden Age and a recreation of familiar Scythian extremes: in three different ways Ovid creates a literary landscape in exile [...]” – “Um mundo inferior alternativo, uma negação da Idade Áurea e uma recriação dos habituais extremos cítricos: de três diferentes modos Ovídio cria uma paisagem literária no exílio [...]” (trad. J. Avellar).

³³ OVÍDIO, *Tristia* 3.10.23-24: *Nudaque consistunt formam seruantia testae / uina, nec hausta meri, sed data frusta bibunt.* – “Congelam-se os vinhos, conservando, por si sós, a forma do vaso, / e eles não bebem vinho aos goles, mas aos pedaços” (trad. J. Avellar).

Por que mencionar que os rios congelam, cristalizados pelo frio,
 e que uma água quebradiça é tirada do lago?
 Não mais estreito que o rio rico em papiro, o próprio Istro,
 que se mistura ao vasto mar por embocaduras várias,
 quando os ventos endurecem seu curso azul,
 congela e serpeia rumo ao mar com águas ocultas;
 por onde iam barcos, com pés se vai agora, e o casco
 do cavalo percute as ondas pelo frio congeladas;
 por baixo fluindo as águas, por novas pontes
 os bois sármatas conduzem os carros bárbaros.
 (trad. J. Avellar).

Vê-se que Ovídio amplia e reelabora com acréscimo de detalhes a descrição virgiliana, de apenas três versos, sobre o congelamento do rio (VIRGÍLIO, *Geórgicas* III, 360-362). Além dos carros que passam sobre o gelo em lugar dos navios, o eu-poético ainda menciona os pés de pessoas, cascos de cavalos e bois que puxam os carros. Além disso, no relato de Nasão, não apenas o Istro congela, mas também o próprio mar:³⁴

*Vidimus ingentem glacie consistere pontum,
 lubricaque inmotas testa premebat aquas.
 Nec uidisse sat est, durum calcauimus aequor
 undaque non udo sub pede summa fuit.*
 (OVÍDIO, *Tristia* 3.10.37-40)

Vi o imenso mar tornar-se gelo,
 e uma crosta escorregadia premia as águas imóveis.
 Não basta ter visto: pisei o duro mar,
 e a superfície da água ficou sob o pé não molhado.
 (trad. J. Avellar).

Na sequência, ele menciona que, com o mar congelado, os golfinhos já não podem saltar (OVÍDIO, *Tristia* 3.10.43-44); por mais que Bóreas sopra, não se formarão ondas no mar coberto de gelo (OVÍDIO, *Tristia* 3.10.45-46, *fluctus nullus erit*); os barcos ficarão presos no mármore das águas (OVÍDIO, *Tristia* 3.10.47-48, *stabunt in marmore*); e até mesmo os peixes se aderem ao gelo (OVÍDIO, *Tristia* 3.10.49-50). Tais fenômenos, associados aos efeitos do frio extremo, segundo Videau-Delibes (1991, p. 166), seriam *mirabilia*, destacando-se pelo aspecto surpreendente. Além disso, o caráter hiperbólico serve para amplificar os sofrimentos de Nasão, obrigado a viver em uma terra quase inabitável. Com efeito, é curioso notar que o eu-poético, ao discorrer sobre tais eventos, primeiro solicita a confiança

³⁴ Segundo Williams (1994, p. 9-10), o congelamento de partes do mar, a ponto de homens e carros poderem atravessá-las, também constituía um lugar-comum literário, observável em Heródoto (4.28), Estrabão (7.3.18) e Plínio, o Velho (*Nat.* 4.87).

e a credibilidade do leitor³⁵ e, para obtê-las, apresenta-se como testemunha dos fatos narrados. Ele afirma não apenas ter visto com os próprios olhos os acontecimentos, mas ainda ter tocado o pé no mar congelado. Desse modo, enfatizar a experiência pessoal do eu-poético e declarar estar contando a verdade constituem, nos termos de Williams (1994, p. 35), táticas para obter a confiança do leitor. Tais procedimentos são bastante significativos, caso se considere que, embora as descrições de Tomos tenham proveniência literária, o eu-poético deseja imprimir-lhes estatuto verídico e documental, de modo a gerar no leitor a crença de que refletem as difíceis condições de vida em um local de exílio situado nos confins do mundo.

Quanto à descrição do inverno, assim como em Virgílio, também aqui o frio cítico é imagem de imobilidade: os rios congelam (*concrecant*, v. 25), os ventos endurecem o curso do Istro (*uentis durantibus*, v. 29), que também congela (*congelat*, v. 30), suas ondas foram petrificadas pelo frio (*undas frigore concretas*, v. 31-32), o mar torna-se gelo (*glacie consistere*, v. 37) e suas águas tornam-se imóveis (*inmotas aquas*, 38). A ideia de congelamento, segundo Videau-Delibes (1991, p. 114), fica bem expressa pelo prefixo *co-/con-*, retomado ao longo de toda a descrição da paisagem de inverno, de modo a configurar para o local de exílio um cenário petrificado.³⁶

Outro traço importante que o eu-poético ressalta na caracterização da região de exílio diz respeito à esterilidade e ausência de plantas. A descrição se baseia na infertilidade, manifestada na afirmação de que ali inexistem diversos produtos da terra – uvas, vinho, frutos, campos, folhagens e árvores –³⁷ que eram amplamente cultivados ou produzidos na Itália. Enquanto as terras itálicas se caracterizavam pela fertilidade típica do clima temperado (o qual,

³⁵ OVÍDIO, *Tristia* 3.10.35-36: *Vix equidem credar, sed, cum sint praemia falsi / nulla, ratam debet testis habere fidem.* – “Decerto, a custo me crerias, mas, quando ganho algum / há na mentira, a testemunha deve ser digna de segura confiança” (trad. J. Avellar).

³⁶ VIDEAU-DELIBES, 1991, p. 118: “Tous les éléments sont livrés aux mêmes puissances durcissantes et le poème conduit de la terre gelée à la mer pareillement gelée en une même métaphore, celle du marbre. Au verbe *consistere*, employé pour les vins et la mer, répond *stare*, pour les navires: le même radical exprime la disparition du mouvement”. – “Todos os elementos são entregues às mesmas potências endurecedoras, e o poema conduz da terra congelada ao mar igualmente congelado por meio de uma mesma metáfora, a do mármore. Ao verbo *consistere*, empregado para os vinhos e o mar, responde *stare*, para os navios: o mesmo radical exprime o desaparecimento de movimento”. (trad. J. Avellar).

³⁷ OVÍDIO, *Tristia* 3.10.71-76: *Non hic pampinea dulcis latet uva sub umbra, / nec cumulant altos feruida musta lacus. / Poma negat regio, nec haberet Acontius in quo / scriberet hic dominae uerba legenda suae. / Aspiceres nudos sine fronde, sine arbore campos: / heu loca felici non adeunda uiro!* – “Aqui a doce uva não se esconde sob a sombra dos pampianos, / e mostos fermentados não enchem fundas cubas. / A região nega frutos, e Acôncio aqui não teria / onde escrever as palavras para sua amada ler. / Verias campos vazios, sem folhagem, sem árvore: / ai! locais aonde o homem venturoso não deve ir!” (trad. J. Avellar).

segundo a etnografia antiga, era virtude das regiões medianas do mundo), as terras em Tomos, nos confins do orbe terrestre, são estéreis e inférteis. Trata-se de *loca felici non adeunda uiro* (OVÍDIO, *Tristia* 3.10.76) e, no contexto, o uso do termo *felix* sugere uma aproximação entre o local e aquele que o habita. Com efeito, o sentido mais imediato é que regiões tão desoladas e sem cultivo não poderiam ser destino de um homem “feliz”, cheio de ventura, mas apenas de homens *infelices*, de má sina. No entanto, na medida em que *felix/infelix* podem significar também “fértil”/“infértil”, é atribuída ao homem uma característica típica do local. Nessa perspectiva, as terras estéreis de Tomos não são adequadas a homens *felices*, apenas aos *infelices*.

Diante de tantas negações, o local de exílio é caracterizado não apenas como lugar de extremos (distância remota, clima demasiado rigoroso), mas especialmente como o oposto de Roma, cidade de onde Nasão fora expulso. A descrição de Tomos como uma espécie de antípoda de Roma aproxima-se da “figura de inversão” que Hartog associa à retórica da alteridade adotada por Heródoto ao apresentar e descrever povos não gregos nas *Histórias*:

Para traduzir a diferença, o viajante tem à sua disposição a figura cômoda da inversão, em que a alteridade se transcreve como um antipróprio. Entende-se que as narrativas de viagem e as utopias recorram abundantemente a isso, já que essa figura constrói uma alteridade “transparente” para o ouvinte ou leitor. Não há mais a e b, mas simplesmente a e o inverso de a. (HARTOG, 2014, p. 243-344).

Ora, as descrições ovidianas dos povos e do local de exílio parecem funcionar como as narrativas etnográficas de historiadores e viajantes comentadas no trecho acima, na medida em que ressaltam o caráter opositivo dos habitantes da região de Tomos. Enquanto Roma é imagem da civilização e da urbanidade, Tomos é expressão da bárbarie:

*Subpositum stellis numquam tangentibus aequor,
me sciat in media uiuere barbaria.
Sauromatae cingunt, fera gens, Bessique Getaeque,
quam non ingenio nomina digna meo!
Dum tamen aura tepet, medio defendimur Histro:
ille suis liquidis bella repellit aquis.*
(OVÍDIO, *Tristia* 3.10.3-8)

Sob estrelas que nunca tocam o mar,
saiba que vivo em meio à barbárie.
Cercam-me os sármatas, povo feroz, os bessos e os getsas,
nomes quão indignos de meu engenho!
Enquanto a brisa é morna, defende-nos o Istro no meio:
líquido, ele afasta as guerras com suas águas.
(trad. J. Avellar).

Os povos que vivem nas proximidades de Tomos, separados do eu-poético apenas pelo curso do rio Istro, têm como traços marcantes a belicosidade e a selvageria (*fera gens, bella*), de modo que Nasão se diz cercado pela barbárie (*in media barbaria*) e em busca de defesa.³⁸ Além do gosto constante pela guerra, o caráter selvagem desses povos é reforçado por sua aparência exterior e suas vestimentas: *Pellibus et sutis arcent mala frigora braxis, / oraque de toto corpore sola patent* (OVÍDIO, *Tristia* 3.10.19-20, trad. J. Avellar: “Com peles e bragas cosidas, afastam o frio cruel; / de todo o corpo, só a face fica descoberta”). O uso de vestes de pele aproxima esses povos do mundo animal. Ademais, os pelos das roupas parecem estender-se à própria caracterização dos homens, de barbas e cabelos longos a ponto de deles pender o gelo (*Tristia* 3.10.21-22). Desse modo, a pilosidade atribuída aos bárbaros sugere animalização e reforça seu caráter selvagem. Isso fica ainda mais evidente quando, congeladas as águas do Istro, os inimigos bárbaros, cruéis e sanguinários como feras, rompem a imagem de imobilidade do inverno e irrompem com cavalos, atravessando o rio e atacando a terra vizinha:

*Siue igitur nimii Boreae uis saeua marinas,
siue redundatas flumine cogit aquas,
protinus aequato siccis Aquilonibus Histro
inuehitur celeri barbarus hostis equo;
hostis equo pollens longeque uolante sagitta
uicinam late depopulatur humum.*
(OVÍDIO, *Tristia* 3.10.51-56)

Então, se a força cruel do Bóreas desmedido congela
as águas do mar ou as transbordadas do rio,
logo, através do Istro aplainado por secos Aquilões,
o inimigo bárbaro irrompe em rápido cavalo;
poderoso pelo cavalo e pela flecha que voa longe,
o inimigo muito devasta a terra vizinha.
(trad. J. Avellar).

Enquanto, na descrição virgiliana do inverno na Cítia, a fixidez é característica dominante, a ponto de constituir um elemento facilitador da atividade humana da caça, já que o frio mata e imobiliza os animais a capturar, na descrição oferecida por Nasão, a natureza revela-se imóvel pelo frio, mas os povos bárbaros que habitam a região são signo de mobilidade e rapidez nos ataques bélicos: o inverno é facilitador da guerra. Desse modo, o

³⁸ A descrição do local de exílio como marcado pela barbárie é outro elemento que o aproxima das descrições literárias da Cítia. Segundo Bonvicini (1999, p. 337), “la barbarie inhabitable della Scizia è luogo comune letterario, che figura ad es. in Prop. III 16, 13; IV 3, 47 e in Hor. *Carm.* IV 24, 9 sgg.” – “a barbárie inabitável da Cítia é lugar-comum literário, que figura, p.e., em Prop. III 16, 13; IV 3, 47 e em Hor. *Carm.* IV 24, 9 sgg.” (trad. J. Avellar).

congelamento do Istro, longe de ser positivo, é elemento de vulnerabilidade, pois permite que os inimigos atravessem o rio e ataquem. Nessa perspectiva, o relato ovidiano parece inverter a imagem da caça presente em Virgílio. Em Tomos, os próprios homens são caçados,³⁹ presas da guerra e da avidez de inimigos bárbaros animalizados.

Assim, nota-se que a dureza e a rigidez do cenário de inverno, descrito ao longo da elegia, são transferidas para os habitantes do local, como se eles fossem uma extensão do lugar em que vivem (VIDEAU-DELIBES, 1991, p. 138-139). Conforme ressalta Williams (2006, p. 236), Ovídio explora de modo convencional a correlação, comum nas teorias etnográficas da Antiguidade, entre o caráter de um povo e o clima. Tais teorias vinculam-se à noção de determinismo geoclimático, que remonta à tradição hipocrática. De acordo com Borca (2003, p. 53), a perspectiva hipocrática baseia-se em uma “lei de similaridade”, fundada na transferência das propriedades do ambiente natural aos homens que nele vivem, de modo que o clima interfere na conformação dos lugares, e ambos, na constituição dos homens.

Nos *Tristia*, o ponto culminante da interferência do local sobre o caráter dos homens consiste na própria descrição do eu-poético. O local de exílio, caracterizado pela ausência de livros e de falantes de língua latina (OVÍDIO, *Tristia* 3.14.37-40), apresenta-se como negação do aspecto *cultus* de Roma, como um lugar, contrariamente, marcado pela guerra, instabilidade e, sobretudo, pela barbárie. Diante de ambiente tão hostil, também Nasão se barbariza.⁴⁰ Cercado pelas línguas dos povos da região, o eu-poético parece ter transferidas para si as características deles, a ponto de descrever-se como bárbaro. Nasão afirma ter desaprendido o latim e ter-se tornado falante de gético, ter perdido as habilidades poéticas e não mais escrever versos de qualidade, como se as propriedades do lugar inculto em que vive tivessem determinado seu novo caráter. Desse modo, diante da rude ambiência de exílio, o eu-poético torna-se também ele um “outro”. No entanto, embora Nasão

³⁹ OVÍDIO, *Tristia* 3.10.61-64: *Pars agitur uinctis post tergum capta lacertis / respiciens frustra rura laemque suum; / pars cadit hamatis misere confixa sagittis, / nam uolucris ferro tinctile uirus inest.* – “Parte é levada cativa, com braços atados às costas, / e em vão se volta para ver os campos e o lar; / parte cai, infeliz, trespassada por recurvas flechas: / há veneno impregnado no ferro voador” (trad. J. Avellar).

⁴⁰ OVÍDIO, *Tristia* 3.14, 43-50: *Saepe aliquod quaero uerbum nomenque locumque, / nec quisquam est a quo certior esse queam; / dicere saepe aliquid conanti – turpe fateri! – / uerba mihi desunt dedidicique loqui. / Threicio Scythicoque fere circumsonor ore / et uideor Geticis scribere posse modis. / Crede mihi, timeo ne sint inmixta Latinis / inque meis scriptis Pontica uerba legas.* – “Amiúde busco um termo, ou nome ou lugar, / e ninguém há que possa me informar. / Amiúde esforçando-me para algo dizer – torpe confissão! – / faltam-me as palavras, e a falar desaprendi. / Retumbam-me em torno as línguas trácia e cítica, / e pareço poder compor em metro gético. / Acredita: temo que pânticas palavras se misturem / às latinas e as leias em meus escritos” (trad. J. Avellar).

se descreva como bárbaro e constantemente reafirme a perda das habilidades poéticas ou do domínio da língua latina, os versos dos *Tristia*, bem construídos e repletos de alusões literárias (como, por exemplo, a própria alusão à Cítia virgiliana aqui analisada), demonstram exatamente o contrário. Dessa forma, as afirmações autodepreciativas do eu-poético revelam-se fortemente irônicas: Nasão transveste-se de bárbaro, mas os próprios versos dos *Tristia*, dotados de refinamento literário, desmentem e minam a “máscara” de barbárie adotada. De qualquer modo, ainda que a imagem apresentada nas elegias seja apenas uma “pose de declínio poético” (WILLIAMS, 1994, p. 50), ou mesmo uma irônica “máscara” da *persona* poética, é bastante significativo que Nasão tenha descrito a si mesmo em conformidade com o local em que está, seguindo, de certa forma, as convenções da etnografia antiga.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A etnografia antiga, presente nos mais variados gêneros literários, revela-se também matéria para escrita poética. Com efeito, as *Geórgicas*, de Virgílio, e os *Tristia*, de Ovídio, tendo incorporado tópicos e ideias oferecidas pela tradição acerca de povos estrangeiros, são exemplos da produtividade e riqueza de sentidos que tais materiais podem conferir ao texto literário, que os recria e ressignifica. Nesse sentido, é notável como a mesma matéria – o inverno na Cítia e em regiões extremas do mundo – adquiriu significados bastante particulares em cada um dos poemas analisados. Conforme destaca Williams (2006, p. 235-236), enquanto, nas *Geórgicas*, os extremos da Líbia e da Cítia são observados a partir do ponto central de Roma, os *Tristia*, em contraste, oferecem uma perspectiva deslocada, segundo a qual o mundo é visto a partir de suas margens. Não obstante, em ambos os casos, Roma afigura-se como o lugar ideal: seja como objeto de louvor, pelo clima temperado e adequado ao cultivo, em oposição aos extremos climáticos da Líbia e da Cítia, seja como contraparte positiva da região de exílio, como local onde, ausente, Nasão deseja estar.

REFERÊNCIAS

- AVELLAR, J. B. C. (2015). *As metamorfoses do Eu e do Texto: o jogo ficcional nos Tristia de Ovídio*. 2015. 320 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Pós-Lit, FALE-UFMG.
- ANDRÉ, J.-M.; HUS, A. (1974). *L'histoire à Rome*. Paris: Presses Universitaires de France.
- ANDREAU, J. (2010). *L'économie du monde romain*. Paris: Ellipses.
- BONVICINI, M. (1999). Note e commenti ai *Tristia*. In: OVIDIO. *Tristia*. Trad. R. Mazzanti. Milano: Garzanti, pp. 211-457.

- BORCA, F. (2003). *Luoghi, corpi, costumi: determinismo ambientale ed etnografia antica*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura.
- CAESAR (1917). *The Gallic war*. Trans. by H. J. Edwards. Loeb Classical Library 72. Cambridge, Mass.: Harvard University.
- CATÃO (2016). *Da agricultura*. Tradução, apresentação e notas de M. Trevizam. Campinas: Unicamp.
- CATON (1975). *De l'agriculture*. Texte établi, trad. et commenté par R. Goujard. Paris: Les Belles Lettres.
- CLAASSEN, J.-M. (2008). *Ovid revisited: The Poet in Exile*. London: Duckworth.
- CODOÑER, C. (2007). (org.). *Historia de la literatura latina*. Madrid: Cátedra.
- FITTON BROWN, A. D. (1985). The unreality of Ovid's Tomitan exile. *Liverpool Classical Monthly*, Liverpool, vol. 10, n. 2, pp. 18-22.
- GALE, M. (2000). *Virgil on the nature of things: the Georgics, Lucretius and the didactic tradition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GELORMINI, N. (2007). Introducción. In: TÁCITO. *Germania*. Introducción, trad. y notas de N. Gelormini. Buenos Aires: Losada, pp. 9-17.
- HARTOG, F. (2014). *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Trad. J. L. Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- HOLZBERG, N. (2006). Playing with his life: Ovid's 'autobiographical' references. In: KNOX, P. (ed.). *Oxford readings in Ovid*. Oxford: Oxford University, pp. 51-68.
- HORACE. (1954). *Odes et épodes. Tome I*. Texte établi et trad. par F. Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres.
- MURPHY, T. (2004). *Pliny the Elder Natural history: the Empire and the Encyclopedia*. Oxford: Oxford University.
- OVIDE. (2011). *Les métamorphoses*. Texte établi par G. Lafaye. Émendé, présenté et traduit par Olivier Sers. Paris: Les Belles Lettres.
- OVIDE (2008). *Tristes*. Texte établi et trad. par J. André. Paris: Les Belles Lettres.
- PLÍNIO o Velho (2007). *Historia natural*. Ed. de J. Cantó, I. Gómez Santamaría, S. González Marín y E. Tarrío. Madrid: Cátedra, Letras Universales.
- PRIETO, M. H. U. (2001). *Dicionário de literatura grega*. Lisboa: Verbo.
- REBOLLO, R. (2006). O legado hipocrático e sua fortuna no período greco-romano: de Cós a Galeno. *Scientiae Studia*, São Paulo, vol. IV, n. 1, pp. 45-82.
- SCHEID, J. (2010). *La religion des Romains*. Paris: Armand Colin.

- TÁCITO (2007). *Germania*. Introducción, trad. y notas de N. Gelormini. Buenos Aires: Losada.
- TREVIZAM, M. (jul.-dez. 2009). Maravilhamento ou apreensão no encômio da Itália? O segundo livro das *Geórgicas* de Virgílio. *Literatura e autoritarismo*, Santa Maria, n. 14, pp. 108-124. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/num14/art_09.php>. Acesso em: 15 jul. 2016.
- VASALY, A. (1993). *Representations: images of the world in Ciceronian oratory*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California.
- VASCONCELLOS, P. S. (2014). Fingi(dores) de si mesmos: dores fingidas e reais na oratória romana. *Nuntius Antiquus*, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, pp. 135-160. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/7483>. Acesso em: 20 jul. 2015.
- VIDEAU-DELIBES (1991). A. *Les Tristes d'Ovide et l'élegie romaine: une poétique de la rupture*. Paris: Klincksieck.
- VIRGIL (1997). *Georgics: vol. 2 – books III-IV*. Edited by R. F. Thomas. Cambridge: Cambridge University.
- VIRGIL (2003). *Georgics*. Edited with a commentary by R. A. B. Mynors. Oxford: Oxford University.
- VIRGILE (1998). *Geórgiques*. Texte établi et trad. par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres.
- VIRGÍLIO (2013). *Geórgicas I*. Trad., introdução e notas por M. Trevizam. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- VIRGILE (1974). *Énéide*. Livres I-VI. Texte établi par H. Goelzer et trad. par A. Ballessort. Paris: Les Belles Lettres.
- WILLIAMS, G. (2006). Ovid's exile poetry: Tristia, Epistulae ex Ponto and Ibis. In: HARDIE, Philip (ed.). *The Cambridge companion to Ovid*. Cambridge: Cambridge University, pp. 233-245.
- WILLIAMS, G. (1994). *Banished voices: readings in Ovid's exile poetry*. Cambridge: Cambridge University.